

MUN

FÓRUM SOCIAL

Acordo da OMC mercantiliza a educação

Há mais de dois anos, a Organização Mundial do Comércio (OMC) vem trabalhando para a implementação do Acordo Geral para o Comércio em Serviços (Gats). Trata-se de um acordo acertado ainda em 1994, na Rodada Uruguai de negociações da OMC, e que rege o comércio mundial de serviços: educação, saúde, água, serviços postais e outros. Na prática, o Gats significa a diminuição das barreiras legais para a privatização do setor de serviços.

Os países-membros da OMC, entre eles o Brasil, que não seguirem as regras acordadas ficarão sujeitos a sanções comerciais. Preocupados com as consequências do Gats, intelectuais de vários países traçaram suas perspectivas sobre um sistema educacional privatizado, durante o III Fórum Social Mundial e no II Fórum Mundial de Educação, realizado em janeiro último, em Porto Alegre (RS).

Um desses intelectuais foi o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, da Universidade de Coimbra, que disse ver o processo da pior maneira possível. Para ele, com a liberalização do setor de educação serão criadas empresas especializadas no fornecimento de professores, currículos, avaliações de professores e alunos e certificações de cursos.



Fotos: Rafael Evangelista

Manifestação em Porto Alegre

“É a liberalização total, é a destruição da universidade moderna, é impor para o ensino superior tudo o que é contrário à sua história, que caminhou no sentido de garantir a possibilidade de se pensar a existência de interações não-mercantis na sociedade”. Boaventura quer saber como os professores poderão defender os valores da solidariedade, da cidadania e da democracia, dentro de uma instituição totalmente mercantilizada.

O grupo de trabalho da OMC para o Gats ainda não foi encerrado e as negociações continuam. O diretor geral da OMC, Mike Moore, nega que os países serão obrigados a privatizar seus serviços públicos.

PROPRIEDADE INTELECTUAL

Regras prejudicam países subdesenvolvidos

Em 1994, na chamada Rodada Uruguai, foi instituído pela Organização Mundial do Comércio (OMC) o acordo Trips – Tratado sobre Propriedade

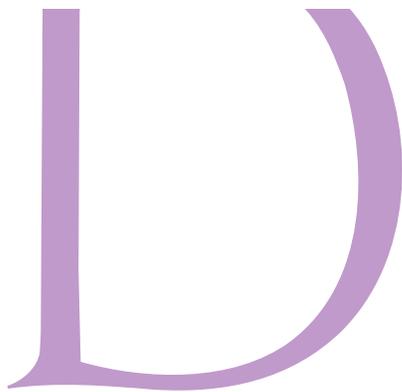
Intelectual –, que, entre outros, enrijeceu as leis de patentes e possibilitou o patenteamento de seres vivos. De certa forma, o Trips direcionou o desenvolvimento tecnológico mundial ao dar efetividade mundial às patentes, tornando-as mais atrativas para as empresas. Ativista e cientista social, a norte-americana naturalizada francesa Susan George esteve em Porto Alegre para conversar com os movimentos sociais e elaborar novas estratégias de luta para a próxima rodada da OMC, em Cancún, México, em setembro próximo. Nesta entrevista, ela discute o efeito do Trips para os países subdesenvolvidos, que tiveram dificultado o acesso à tecnologia, ao mesmo tempo em que sua biodiversidade se tornou alvo do interesse de grandes empresas transnacionais.

Como a senhora analisa os mecanismos atuais de propriedade intelectual?

SUSAN GEORGE Os direitos de propriedade intelectual existem porque as corporações norte-americanas exigem. Querem ter 20 anos de proteção às patentes e incluir novas áreas no direito de propriedade. São essas empresas que inventaram essa proteção, que escreveram seu texto e que a implementaram na Rodada Uruguai, que criou também a OMC.

Que impacto essas regras têm para os países subdesenvolvidos?

O Trips é um acordo feito para impedir o acesso dos países pobres à tecnologia, e prendê-los a um sistema em que as únicas técnicas que podem ser obtidas



Notícias do Mundo

são as que já estão obsoletas. As tecnologias de ponta do setor médico, por exemplo, ficam protegidas e as empresas podem vendê-las ou não. Outro fator é a propriedade biológica e dos genes, que surgiu de maneira muito rápida e os países de grande diversidade biológica não conseguiram acompanhar. É o caso do Brasil, por exemplo. As empresas estão captando essa diversidade, através de expedições, que vão a campo e coletam também o conhecimento tradicional das populações nativas, trazendo-o para os laboratórios, transformando-o em ciência convencional e tirando uma patente. Acho que os países devem rejeitar esse modelo. Alguns países já formalizaram a venda da biodiversidade por um preço bastante barato. A Costa Rica conseguiu apenas US\$ 1 milhão por tudo que as companhias farmacêuticas encontram lá. Tudo isso está acontecendo porque os países são pressionados, de uma maneira geral, mas também porque eles não sabem em que estão se metendo. Essas negociações são tão complexas que os países subdesenvolvidos

precisam parar de seguir o fluxo das negociações e colocar em pauta o que eles realmente precisam.

Os países subdesenvolvidos devem rejeitar a lei de patentes?

Não se pode falar dos países subdesenvolvidos, pois os dirigentes estão satisfeitos com o que está acontecendo. Ao contrário, eles combaterão as mudanças, como já vimos no caso das patentes sobre medicamentos. Os EUA bloqueiam qualquer tipo de alteração. Mas se falarmos nos movimentos progressistas de todo mundo, a resposta é sim.

Rafael Evangelista

LINGUAGEM

Governo japonês busca preservar seu idioma

O governo japonês decidiu formar um grupo acadêmico de discussão com 20 linguistas para deter o avanço de estrangeirismos em seu idioma. A equipe deve reunir-se a cada semestre para apresentar uma lista de palavras japonesas como proposta para substituir termos em inglês correntemente usados pelos japoneses. Para a ministra da Educação do Japão, Atsuko Toyama, a medida se deve ao medo de que a beleza da língua japonesa se perca. Os membros do governo que defendem a medida consideram que os jornalistas e os políticos, por serem formadores de opinião e influenciarem o comportamento

das pessoas, têm uma parcela considerável de culpa na descaracterização do idioma japonês ao utilizarem com frequência termos e expressões da língua inglesa. O linguista Mitsuru Ohki, da Universidade de Kyoto, considera que lutar contra a influência do inglês na língua japonesa, tendência que se acirrou nos últimos três anos com a globalização, é uma batalha perdida.

"O idioma já está misturado. O japonês é falado com muitos termos em inglês", diz Shemiko Ketsuo, do consulado japonês em São Paulo. "Ao visitar o Japão, nos últimos anos, percebo que é entre os mais jovens que essa influência é maior", conta. "Eles se sentem melhor usando palavras em inglês. Acham que é moderno", acredita. Os japoneses mais conservadores reconhecem que há uma influência secular de outros idiomas em seu vocabulário, e estão preocupados em encontrar expressões equivalentes em japonês para termos como *radio* e *computer*.

Em contrapartida, o próprio Ministério da Educação do Japão busca recursos para financiar a criação de revistas científicas japonesas em inglês na Internet, para ampliar a representatividade do Japão na comunidade científica mundial. Os membros dos conselhos editoriais dessas publicações acadêmicas serão indicados pelas instituições de pesquisa mais significativas do país, e a tecnologia para implementação das revistas em inglês na Internet ficará a cargo do Instituto Nacional de Informática.

Rodrigo Cunha



Susan George afirma o Trips foi escrito por corporações transnacionais